

PABLO IGLESIAS

O marxismo “mediocrático”

Pablo Iglesias, o telegénico líder do movimento Podemos, afirmou-se como uma das personagens mais polarizadoras no panorama sociopolítico espanhol. E contribuiu decisivamente para a implosão do bipartidarismo que governa Espanha desde 1978.

Os socialistas espanhóis, assim como os gregos, ficaram presos numa encruzilhada que apenas a extrema-esquerda soube cavalgar. O mentor deste projecto é o agregador de vontades Pablo Iglesias que, já enquanto eurodeputado, protagonizou a candidatura da Esquerda Unitária à presidência do Parlamento Europeu. A derrota para Martin Schulz é, para Iglesias, a vitória do “pacto entre os chamados socialistas e a direita, que é o mesmo que governa a Alemanha e a Grécia”. Se as eleições fossem hoje, o Podemos, que irá constituir-se como partido já em Outubro, duplicaria a votação alcançada no dia 25 de Maio.

DAVID SANTIAGO

dsantiago@negocios.pt

A

A tempestade que varreu o sistema partidário espanhol consumou-se nas urnas no passado dia 25 de Maio, com o Podemos a eleger cinco eurodeputados e a garantir 1,2 milhões de votos, representativos de quase 10% dos votantes. Um nome e uma imagem sobressaíram no dia em que o bipartidarismo espanhol sofreu o maior rombo desde 1978. “Yes he can”, tituló o The Guardian. Ele é Pablo Iglesias Turrión, activista e agora político, cuja imagem de marca é o cabelo atado num longo rabo-de-cavalo. A figura de proa e de líder carismático do movimento espanhol Podemos é fiel à sua imagem. Anti-monárquico, foi sem gravata, de calças de ganga, cabelo atado e pulseiras nos pulsos que apertou a mão ao inimigo, pelo menos em termos ideológicos, o actual rei Felipe VI. Foi assim na cerimónia de atribuição da bolsa para o seu doutoramento em Cambridge.

Para receber a bolsa, “era necessário comparecer ao acto público”, esclareceu entretanto Iglesias. “Mas asseguro que, quando governarmos, os estudantes pretendentes a bolsas não terão de passar por cerimónias próprias de outro século”. O também professor de Ciência Política da Universidade Complutense de Madrid acabaria mesmo em Cambridge a trabalhar numa tese de doutoramento sobre “desobedientes” em Espanha e Itália.

A política corre-lhe nas veias, assim como a índole anti-sistema que vem dos tempos de activismo antiglobalização. Até mesmo o nome foi uma homenagem ao homónimo fundador do PSOE, também ele conhecido pela farta cabeleira que lhe valeria a alcunha de “El Rubio”. Os pais do político de 35 anos anteciparam, à nascença, um futuro ligado à política e à quebra de protocolos. O Iglesias original, o primeiro deputado socialista em Espanha, quando assumiu este cargo (1910), também não se preocupou em coadunar a roupa ao protocolo. Foi notícia na época.

Originário de uma família muito politizada, Iglesias cedo definiu um

lema para o seu activismo político: “Se as pessoas não fizerem política, outros farão por elas. E quando os outros a fazem, podem roubar os teus direitos, a tua democracia e a tua carteira”.

“MEDIOCRACIA ASSOCIADA AO SEU LÍDER”

“É mais importante o que se discute na televisão do que o que se debate no parlamento”. Esta afirmação pertence a Pablo Iglesias e denota quão importante é a presença televisiva para a sua afirmação política. O movimento Podemos só nasceu no passado mês de Março, partindo da mobilização dos “indignados” do 15 de Maio (2011) que participaram no acampamento nas Portas do Sol, em Madrid, e tendo em vista a participação nas eleições para o Parlamento Europeu. Mas o começo do percurso mediático de Pablo remonta a 2010.

Primeiro, em canais locais, depois em canais de grande audiência, o jovem político foi reforçando a sua mediatização. Conscientemente. Ao El País, afirmou que o facto de a crise ter politizado significativamente a sociedade faz com que “a maioria das pessoas forme a sua opinião a partir do que ouve na televisão”.

Simpatizante de Hugo Chávez, Iglesias ter-se-á inspirado na postura comunicacional do venezuelano. “Poucos como Chávez cultivaram o populismo mediático para alargar a base de apoio popular às suas políticas”, nota Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI) da Universidade Nova de Lisboa.

Pires de Lima enumera alguns factores decisivos para a afirmação do político espanhol e, consequentemente, do Podemos, passando pela “capacidade de organização e arregimentação dos movimentos sociais dispersos durante a crise” e pela “penetração nas redes sociais de forma a captar novos eleitores”. O discurso de Iglesias é abrangente e chega aos mais variados públicos com igual eficácia, da geração digital (Facebook